

HISTÓRIA E MODERNIDADE EM HANS ULRICH GUMBRECHT*

Marcelo de Mello Rangel**
Thamara de Oliveira Rodrigues***

RESUMO: Neste artigo, nosso objetivo é o de reconstituir a descrição que Gumbrecht faz da modernidade a fim de compreender parte significativa de suas reflexões sobre a História. Nossa análise será realizada, em especial, a partir do texto – “Cascatas de modernidade”, introdução ao seu livro “Modernização dos Sentidos”. Explicitaremos as seguintes ideias sobre o trabalho do autor: 1- há uma descontinuidade entre homem (consciência) e real; 2- o real também se mobiliza de maneira a desestabilizar os significados e sentidos que constituem determinado mundo e 3- a história (investigação do passado) também se torna fundamental no que concerne à possibilidade de evidência do que o real (ou a história) é, e isto através da descrição dos comportamentos teóricos e práticos dos homens no passado, de suas compreensões e estratégias.
Palavras-chave: Gumbrecht, teoria da história, filosofia da história

ABSTRACT: In this article, our objective is to reconstruct the description that Gumbrecht makes of modernity, in order to understand significant part of his reflections on history. Our analysis will be performed, in particular, from the text – “Cascatas de modernidade”, the introduction to his book “Modernização dos Sentidos.” We will explain the following ideas about the work of the author: 1 - there is a discontinuity among man (conscience) and real; 2 - the real also mobilized in order to destabilize the meanings and senses that are given world, and 3 - the history (research of the past) also becomes important with regard to the possibility of disclosure of the real (or history) is, and this behavior by describing the theoretical and practical men in the past, their insights and strategies.

Keywords: Gumbrecht, theory of history, philosophy of history.

Neste artigo, nosso primeiro objetivo é o de reconstituir a descrição que Gumbrecht faz da modernidade, e isto porque esse exercício nos possibilitará entender parte significativa de suas reflexões sobre a História. Nossa análise será realizada, em especial, a partir do texto – “Cascatas de modernidade”, que serve de introdução ao seu livro “Modernização dos Sentidos”. A partir da reconstrução da história da modernidade, Gumbrecht nos permite acompanhar e compreender que: 1- há uma descontinuidade entre homem (consciência) e real; 2- o real também se mobiliza de maneira a desestabilizar os significados e sentidos que constituem determinado mundo e 3- a história (investigação do passado) também se torna fundamental no que concerne à possibilidade de evidência do que o real (ou a história) é, e isto através da descrição dos comportamentos teóricos e práticos dos homens no passado, de suas compreensões

* Agradecemos a Susana de Castro pelo convite, e a Valdeci Lopes de Araujo e a Hans Ulrich Gumbrecht pelo carinho e diálogo.

** Professor Doutor do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, beneficiário de auxílio financeiro da CAPES – Brasil.

*** Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto.

e estratégias.¹ Em outras palavras, a reconstituição histórica torna-se decisiva para Gumbrecht no que diz respeito à compreensão e à lembrança da dinâmica própria ao real (ou à história), tornando possível aos homens a composição de estratégias adequadas à sua existência.

Gumbrecht inicia sua reconstituição histórica da modernidade tematizando os séculos XV e XVI, ou ainda, dois eventos específicos, a saber: a invenção e disseminação da imprensa e a descoberta da América.² Ao longo dos séculos anteriores, do que se convencionou chamar de Idade Média, os homens iam se relacionando entre si e com os demais entes que constituíam o real de maneira estável, ou seja, eram capazes de organizar sua experiência satisfatoriamente a partir de enunciados e juízos bíblicos determinados, orientados pela convicção de que esses sentidos eram suficientes à organização de seu mundo e da existência. No entanto, de repente, e essa é a estrutura do real (da história) para Gumbrecht, tais sentidos deixaram de ser suficientes à explicação e à orientação dos homens no mundo, o que significa dizer – o real (ou a história) passara a expor os homens a entes e a situações inéditas, que impunha limites significativos ao conhecimento que possuíam até então.

É no interior desse tempo instável, no qual os homens não contavam com um conjunto de significados e de sentidos capazes de orientá-los mais ou menos bem, que

¹ Outra função que a investigação histórica tem a partir e no interior dos textos de Gumbrecht é a de possibilitar a experiência de sentidos e materialidades passados, incomuns a um determinado horizonte histórico, o que exporia os homens em geral a experiências ideais à complexificação de compreensões, de suas interpretações (do repertório de predicacões e juízos), quer em relação ao próprio passado quer, especialmente, em relação ao presente. Não teremos a oportunidade de explicitar pormenorizadamente, no espaço desse artigo, essa outra função da história a partir e no interior das reflexões de Gumbrecht, no entanto, cabe ainda uma pequena citação: “Em vez de obter clareza por meio de definições, o historiador está obrigado à tarefa de desenvolver descrições cada vez mais complexas e sofisticadas dos momentos e das situações do passado – descrições que podem se refletir em conceitos de período sempre mais complexos. Afinal, não seria nosso interesse dispensar o passado, controlando-o em conceitos eficientes, mas somente pôr a nós mesmos e ao nosso presente em confronto com as imagens mais ricas possíveis da alteridade histórica”. Cf.: GUMBRECHT, 1998, p. 11.

Gumbrecht, também, entende que o passado pode servir de pano de fundo para compreendermos o presente, no entanto, sublinhamos, aqui, que não se trata de um exercício historiográfico que se funda na pré-compreensão de que o tempo é um agente necessário de transformação e que, por conseguinte, o presente precisa ser diferente desse passado reconstituído, muito menos de um exercício amparado pela pré-compreensão de que há algo que se mantém decisivo no interior de um determinado passado e de um determinado presente, algo ou sentido que os une e que precisaria ser evidenciado. Para Gumbrecht essas pré-compreensões, próprias ao que chama de “cronótopo historicista”, serviriam apenas como medidas que, ao fim, provocariam (ou ainda forçariam) determinadas interpretações através e ainda a despeito das fontes. A reconstituição da história, nesse caso especial da história da modernidade, serviria, simplesmente, a alguma compreensão do presente através do passado, através de conjunturas que podem ajudar à compreensão do presente em razão de semelhanças e também de diferenças radicais **apenas possíveis**, que se tornam mais visíveis a partir do reconhecimento do outro (do passado).

² A noção de evento utilizada por Gumbrecht possui uma inspiração foucaultiana e heideggeriana. Significa, *grosso modo*, a emergência de um horizonte histórico específico, determinado por sentimentos, por significados e sentidos inéditos ou até então obscurecidos, que passam a orientar os homens em geral.

ocorre uma espécie de perda do valor de verdade do princípio Deus, os enunciados e juízos bíblicos passam a ser tematizados e perdem sua força, antes natural, de determinação e delimitação do real, da experiência. Se os homens, até então, se contentavam com a repetição de determinados sentidos, a partir de eventos como a invenção e disseminação da imprensa e da descoberta da América eles se viram obrigados a constituir sentidos capazes de delimitar sua nova experiência, necessidade que é restituída por um método, por um caminho determinado, que é o da subjetividade, pois “a sequência de inovações que, como já propus, pode ser representada metonimicamente pela invenção da imprensa e pela descoberta do continente americano aponta para a emergência do tipo ocidental de subjetividade (...)” (GUMBRECHT, 1998: p.12).

Antes de continuarmos acompanhando a descrição de Gumbrecht sobre a modernidade, sublinhamos que sua restituição histórica já nos permite perceber sua compreensão no que diz respeito ao real (ou à história), a saber: o real (ou a história) é dotado da possibilidade (de uma possibilidade necessária, podemos dizer) de desestabilização dos mundos constituídos e estáveis, de maneira autônoma e imprevisível. Em outras palavras, trata-se da possibilidade (necessária) da erupção de acontecimentos inéditos, suficientes à constituição de entes específicos para os quais os homens em geral não possuiriam, até então, um repertório adequado de significados e sentidos. Assim, temos três conclusões importantes: 1- Gumbrecht entende que há uma relação de descontinuidade necessária entre homem e real (ou história), que se torna evidente através dos momentos nos quais o real (ou a história) atualiza a sua possibilidade de desestabilização do mundo e 2- compreende que a investigação histórica é um método (caminho) significativo no sentido de auxiliar os homens, hoje, a evidenciar e “produzir” estratégias adequadas a sua existência no interior do real (da história).

Continuemos, então, acompanhando a reconstituição da história da modernidade de Gumbrecht. Como vimos, os séculos XV e XVI são, na descrição do autor, um momento de descontinuidade radical do real (da história), que fora enfrentado à época a partir de uma dupla compreensão: a de que haveria uma descontinuidade entre espírito, por um lado, e corpo e matéria, por outro, e, também, a de que o real não se mostraria devidamente, ou seja, não permitiria aos homens compreendê-lo imediatamente. Essa última compreensão produziria a necessidade de que o espírito, discreto em relação à matéria, compreendesse e evidenciasse os fenômenos mais propriamente, interpretando

os entes e alcançando, assim, um acesso privilegiado em relação à sua essência. Determina-se, então, uma estratégia de relação com o real a qual Gumbrecht chamou de “campo hermenêutico”. Como podemos ler:

O campo hermenêutico produz o pressuposto de que os significantes da superfície material do mundo nunca são suficientes para expressar toda a verdade presente na sua profundidade espiritual, e, portanto, estabelece uma constante demanda de interpretação como um ato que compensa as deficiências da expressão. (GUMBRECHT, 1998: p.12-13).

O século XVII e boa parte do XVIII, de maneira geral, experimentaram certa estabilidade, ou seja, os homens em seu interior teriam sido capazes de produzir um repertório de significados e sentidos suficientes à compreensão do real (do mundo), o que provocara, inclusive, a produção de um “clima histórico” (*Stimmung*) otimista. Os homens criam ter se desfeito dos enunciados e juízos equivocados produzidos pela tradição, em geral obliterada pela ortodoxia política e teológica, e, enfim, interpretado definitivamente os entes e as estruturas fundamentais do real. No entanto, próximo aos anos de 1800, o real (a história) provocaria mais uma descontinuidade que colocava em questão os enunciados e mesmo o método subjetivo próprio ao “campo hermenêutico”. E, aqui, torna-se interessante perceber como o autor evidencia, uma vez mais, o real (a história) como sendo uma estrutura caracterizada pela capacidade autônoma e imprevisível de se transformar, e é essa compreensão que entendemos voltar incessantemente em seu texto, com o objetivo de evitar a constituição ou mesmo a repetição de estratégias inadequadas à existência no interior desse real (da história) no mundo contemporâneo.

Por volta de 1800, em especial a partir da Revolução Francesa, os homens se viram, uma vez mais, expostos a um conjunto de entes inéditos, os quais seu repertório sentimental e semântico não era capaz de compreender. A Revolução Francesa provocara sentimentos, pensamentos e atitudes até então desconhecidas, situações inéditas e, nesse momento histórico, os homens começaram a desconfiar não apenas de seus conhecimentos, mas também, como sublinhamos mais acima, do próprio método, que utilizavam para a sua produção - a interpretação objetiva e simples do “observador de primeira ordem”. Aparece, assim, no interior desse clima histórico a um só tempo otimista e constricto, uma estratégia epistemológica específica, própria ao “observador de segunda ordem”, momento que ele classifica como “modernidade epistemológica”. Acompanhemos:

Ao se observar no ato de observação, em primeiro lugar, um observador de segunda ordem torna-se inevitavelmente consciente de sua constituição corpórea – do corpo humano em geral, do sexo e de seu corpo individual – como uma condição complexa de sua própria percepção do mundo. Ao mesmo tempo, aquelas superfícies materiais do mundo a que apenas a percepção pode referir-se (mas que estavam reduzidas a um *status* subordinado dentro do campo hermenêutico) estão em processo de reavaliação. O interesse pelo materialismo do século XVIII pela anatomia, pelas funções e pelos objetos dos sentidos humanos e seu crescente fascínio pela especificidade da experiência estética, parecem ser sintomas históricos que prefiguram tal retorno de corpos e materialidades (GUMBRECHT, 1998: p.13-14).

Se, ao longo dos séculos XV e XVI, os homens enfrentaram a desestabilização de seu mundo, a fragilização de seus enunciados e juízos, a partir da compreensão de que o método adequado a ser seguido era o do distanciamento radical entre sujeito cognoscente e objeto, entre espírito e matéria, próximo a 1800, por outro lado, os homens não só viram seu mundo desmanchar como também apostaram em uma estratégia específica, e isto porque compreenderam que o método da primeira modernidade, a estratégia cartesiana, equivocou-se em sua percepção de que espírito e matéria seriam entes necessariamente discretos. Nesse clima histórico o qual chamamos de constricto, retorna o interesse pela matéria, pelo corpo, ou seja, pelo papel que eles ocupam na interpretação, não sem motivo, portanto, a filosofia no século XIX, quer na Alemanha, na França, na Inglaterra, quer no Brasil, se dedicou ao estudo do corpo e dos sentidos. No entanto, Gumbrecht alerta para a especificidade desse interesse pelo corpo, e isto porque apenas “parece” que o corpo retorna e passa a ser compreendido novamente como fora na Idade Média, ou seja, como uma parte necessária da totalidade homem, âmbito fundamental à experimentação do real (do mundo) e mesmo parte constitutiva à produção de sentido.

Em outras palavras, reaparece o interesse pelo corpo, em especial pelos sentidos, e seu papel fundamental no que diz respeito à experiência estética e à tradução conceitual (interpretação) do real, no entanto, o que está em questão aqui, é uma estratégia que se preocupa em investigar o corpo para torná-lo transparente, ou melhor, para conhecê-lo e, assim, tornar o entendimento ainda mais eficiente no sentido de compreender (e determinar) o mundo. Ou nas palavras de Gumbrecht (1998: p.14):

Uma vez, contudo, que a percepção como ato físico e o mundo material como seu objeto se tornaram novamente tópicos, surgem as questões de saber como eles se relacionam com um tipo de experiência que é baseada exclusivamente em conceitos – e se a percepção física e a experiência conceitual podem em todo caso ser mediadas ou reconciliadas.

O que temos na “modernidade epistemológica” é que a medida da interpretação, do conhecimento detido do mundo através da produção de conceitos privilegiados, continua sendo orientadora. Por um lado, temos acontecimentos históricos originários (*Ursprung*), capazes de liberar experiências e apresentar entes inéditos, o que torna os repertórios até então vigentes inadequados à delimitação da experiência, e, por outro, temos a confiança e a manutenção do que podemos chamar de paradigma da interpretação ou do “campo hermenêutico”. Em outras palavras, os homens em geral, no interior de um mundo instável, “acelerado” - para usar um termo caro a Koselleck - e diante de fenômenos que não podiam compreender e determinar (ou posicionar), insistiram na força do aparato intelectual no tocante à reorganização do mundo, como se o que faltasse, até então, fosse apenas uma compreensão adequada dos elementos que são fundamentais à produção de uma interpretação privilegiada do mundo em sua totalidade, entre eles o corpo. O que significa dizer, em linhas gerais, que se passava ao exame detalhado do corpo como mediador da relação entre inteligência e real, para que a inteligência pudesse superar os efeitos dessa mediação, estabelecendo uma relação privilegiada com o real.

Gumbrecht está mostrando, através de sua reconstituição histórica, que a “modernidade epistemológica” não fora capaz de perceber a dinâmica própria do real (ou da história), ou seja, a sua possibilidade autônoma e imprevisível de reconstituição, e assim optava, inadequadamente, por uma espécie de aperfeiçoamento do método cartesiano, do “sujeito de primeira ordem”. Aqui, podemos perceber, novamente, parte da força que sustenta o trabalho de reconstituição histórica (da modernidade) realizado por Gumbrecht: evidenciar a dinâmica própria do real (da história) e, ainda mais, indicar para o seu tempo que a compreensão e estratégia subjetivista e referencialista, própria ao “campo hermenêutico”, não devem e talvez não possam mesmo ser repetidas uma vez mais.³

³ Consideramos, junto a Gumbrecht, que os homens no interior do mundo atual talvez não possam repetir o gesto subjetivista e referencialista próprio à modernidade, pois ao mesmo tempo em que o autor explicita a sua preocupação no que concerne à repetição desse equívoco hoje, também alerta para uma transformação profunda própria às últimas décadas do século XX, a qual teria produzido um novo horizonte histórico, um “cronótopo” inédito – a “Pós-modernidade”. Nele, os homens talvez já não mais possam se orientar pelo paradigma “campo hermenêutico”, e isto porque, nesse novo “cronótopo”, eles simplesmente já não estão mais propriamente interessados em conhecer o real (e também o passado), mas sim em experimentá-lo. No “cronótopo pós-modernidade”, os homens em geral se dedicariam precipuamente à experimentação de sentidos passados e à produção de um real apenas virtual, ou seja, de alguma forma teriam desistido do real, de compreendê-lo.

Gumbrecht continua sua análise evidenciando que o século XIX e a sua disciplina fundamental, a história, intensificaram, equivocadamente, o paradigma da interpretação, ou melhor, da compreensão (e determinação) privilegiada do real, a partir de dois métodos específicos o da historicização e o da narrativa. Por um lado, os filósofos e cientistas se dedicaram à compreensão da mediação e “interferência” provocada pelo corpo no que se refere à produção de um conhecimento imediato do real e, a um só tempo, passavam a insistir em macronarrativas, em discursos organizados por um sentido fundamental capaz de organizar as experiências e entes inéditos. Essas macronarrativas podem ser compreendidas como uma espécie de discurso capaz de solucionar a forte ambiguidade e equivocidade do conhecimento (da linguagem), produzidas, especialmente, entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX, período que Koselleck chamou de *Sattelzeit*.

O que é ainda mais interessante a partir das reflexões de Gumbrecht é que essas narrativas historicizadas parecem se resguardar da instabilidade provocada pela “aceleração do tempo” no interior do “cronótopo historicista” por uma espécie de recurso derradeiro à ideia de progresso. Em outras palavras, a cada transformação e questionamento de sentidos disponibilizados pela inteligência, os homens respondiam com a filosofia da história, compreendida como uma explicação teleológica e necessária que subsumia qualquer equivocidade a um sentido transcendental positivo, que se realizaria a despeito de seu próprio conhecimento.

No entanto, Gumbrecht ainda destaca um terceiro momento da modernidade, a “Alta Modernidade”, na qual teria havido uma crise profunda da representação.⁴ Entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do XX, alguns artistas, como os surrealistas e os dadaístas, teriam compreendido que havia um problema mais fundamental em questão, que a reavaliação das condições de possibilidade do conhecimento para a superação definitiva das mediações entre aparato intelectual e real não seria capaz de produzir um acesso privilegiado do homem em relação ao mundo que é o seu. Eles teriam insistido, então, em apontar para o caráter de impossibilidade radical do próprio conhecimento no que tange à representação do real, pois como podemos ler:

⁴ Para sermos mais precisos, o que Gumbrecht chama de “crise da representação” teria sido experimentado na Europa desde 1800 e, desse modo, ele se refere quer à crise do “observador de primeira ordem” quer à crise radical do par sujeito-interpretação intensificada pelas reflexões e trabalhos das vanguardas, pois, como afirma: “É possível analisar a história da arte e da literatura na Europa desde 1800 como uma concatenação de reações diferentes a aspectos diferentes dentro da crise da representabilidade”. Cf.: GUMBRECHT, 1998: p. 17.

Nunca antes e nunca depois estiveram os poetas tão convencidos de estar desempenhando a missão histórica de ser ‘subversivos’ ou mesmo ‘revolucionários’ (o que pode, ao menos em parte, explicar o enorme prestígio das vanguardas entre os intelectuais de hoje). Em vez de tentarem (como fez Balzac) preservar a possibilidade de representação, em vez de apontarem para os problemas crescentes com o princípio da representabilidade (a principal preocupação de Flaubert), os surrealistas e os dadaístas, os futuristas e os criacionistas – ao menos em seus manifestos – se tornaram cada vez mais decididos a romper com a função da representação (GUMBRECHT, 1998: p.19).

O que Gumbrecht evidencia, então, é uma postura de negação radical, em especial dos poetas vanguardistas, da possibilidade de qualquer relação estável entre o homem e o real, de qualquer possibilidade de representação de algo como o real. Assim, se pouco antes (podemos dizer que (quase) simultaneamente), o “campo hermenêutico” sofria uma crise profunda, e procurava superá-la a partir da insistência no par subjetividade e interpretação, por outro lado e pela primeira vez, artistas e filósofos negavam o método “campo hermenêutico”.

A reconstituição histórica da modernidade, proposta por Gumbrecht, quer também evidenciar esse momento crítico no que tange às pretensões interpretativas do “campo hermenêutico”, e a origem de uma postura que Gumbrecht compreende também ser equivocada - a assunção da impossibilidade de representação de qualquer realidade, e mesmo, o esquecimento do real ou da realidade como medida fundamental ao pensamento, à arte e à ação. Gumbrecht evidencia sua compreensão de que há algo externo ao sujeito (à linguagem), que é o real ou a realidade, âmbito transcendental que orientaria os homens, e mais, que seria o espaço ideal à sua realização. Assim, esse real ou realidade não podem ser abandonados sem o risco de uma espécie de pobreza da experiência (para usar uma compreensão cara a Walter Benjamin) e da vida interior. Em outras palavras, a reconstituição da história da modernidade proposta por Gumbrecht evidencia, uma vez mais, uma compreensão e estratégia que seriam equivocadas em relação à dinâmica própria do real (da história) e que não deveriam ser reencetadas hoje: a de que não há relação possível entre sujeito e real, e que o mais adequado seria desistir disso que a modernidade (metafísica) teria chamado de real, e se dedicar, então, a uma espécie de livre jogo (subjetivista) no interior da linguagem.

Referências:

ARAUJO, Valdei Lopes. Observando a observação: sobre a descoberta do clima

- histórico e a emergência do cronótopo historicista, c.1820. In.: CARVALHO, J.M. & CAMPOS, A.P. *Perspectivas da Cidadania no Brasil Império*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2009.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: Aviso de Incêndio*. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.
- CASANOVA, Marco Antonio. *Compreender Heidegger*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos Sentidos*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- _____. *Graciosidade e estagnação – Ensaios escolhidos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2012.
- _____. *Produção de Presença*. O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2010.
- _____. Depois de aprender com a História. In.: *Em 1926 - vivendo no limite do tempo*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 3ª ed – Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC Rio, 2006.